

Pesquisas ensinam uma lição política

RICARDO PENNA

No começo do ano, quando as esquerdas tentaram um amplo acordo para viabilizar o nome de Cristóvam Buarque, ex-reitor da Universidade de Brasília, para o governo do DF, poderia ter sido mudada a história política da capital. Com a união das esquerdas o governador eleito Joaquim Roriz teria seríssimas dificuldades para ocupar a cadeira no Palácio do Buriti.

Não foi assim e a história não passa duas vezes embaixo da ponte. Joaquim Roriz é o virtual governador e foi iniciada, com a segunda bancada de deputados federais e a primeira de distritais, a dinâmica política da capital federal.

Os principais coadjuvantes, mesmo derrotados, desta eleição vão continuar a atuar e voltarão a cena daqui a quatro anos. Através da evolução dos números das pesquisas realizadas pela Soma — Opinião e Mercado existem lições importantes.

Lição 1: Os eleitores de Brasília não são de esquerda, direita ou qualquer outra matiz ideológica. Aqui, como no resto do País, os eleitores votam em atores políticos, suas histórias e discursos. É verdade que o nível de escolarização é maior e a participação sindical também faz com que o voto no DF seja menos de cabresto e mais de reflexão.

Lição 2: Simplificadamente, para fins de eleição, Brasília pode ser dividida em duas grandes áreas: acima e abaixo do equador. Acima estão as áreas

mais politizadas e que votam mais à esquerda. O voto nessa região é mais consciente e a participação de funcionários públicos maior. Fazem parte desta área o Plano Piloto, Lago Sul e Norte, Octogonal, Guará I e II, Cruzeiro, SMU e o Setor Sudoeste e Taguatinga representando pouco mais de 50 por cento do eleitorado. As demais regiões votam, preferencialmente, em candidados conservadores e foram responsáveis pelos votos de Joaquim Roriz, Paulo Octávio, Osório Adriano, Alemão Canhedo e Valmir Campelo.

Lição 3: Definitivamente não pode ser simplificado o potencial eleitoral do PT no DF. As pesquisas da Soma revelaram, sistematicamente, ganhos na corrida aos cargos majoritários. Na última semana e nas duas últimas pesquisas (27 e 30 de setembro) foi verificado um crescimento de 14 por cento para Lauro Campos — um aumento de cem por cento em menos de três dias. O médico Saraiva não ficou atrás e também dobrou seus pontos passando de 11 por cento em 27 de setembro para 22 por cento nas vésperas da eleição. O trabalho sistemático de base e o engajamento sindical do Partido dos Trabalhadores garantiram e garantirão nas próximas eleições uma grande representatividade na Assembleia e na Câmara.

Lição 4: Não existe estabilidade nas intenções de voto. A queda de cinco por cento de Joaquim Roriz apontada pela Soma após a chuva em Samambaia teve um efeito positivo so-

bre sua campanha. Fez com que a assessoria deixasse o pedestal da vitória e cuidasse da região do Plano Piloto onde o ex-governador se esvaía em votos. A reversão da queda no Plano pode ter garantido sua eleição.

Lição 5: Existe algo mais entre o céu e a terra do que briga no horário eleitoral gratuito. O crescimento de Elmo Serejo invadiu de ansiedade a equipe de assessores. Esquecendo que tudo que sobe também pode descer, os responsáveis pela estratégia de campanha passaram a travar um duelo exclusivo, com muita roupa suja e pouco programa, com Joaquim Roriz. Em 27 de setembro a Soma identificou uma queda de nove por cento na candidatura Elmo que nunca mais se aprumou. Foi o Afif do planalto.

A última lição: As pesquisas de opinião não ganham eleição. As mudanças nas intenções de voto identificadas pela Soma foram, todas, confirmadas nas urnas. Maurício Corrêa não conseguiu se livrar do alto nível de rejeição que carregava e manteve seu potencial entre 15 por cento e 11 por cento nos últimos 60 dias. Elmo Serejo cresceu, sistematicamente, de seis por cento a 15 por cento para desabar para nove por cento no final do mês de setembro. Saraiva subiu de apenas três por cento em julho para 15 por cento no final de setembro.

Ricardo Penna é diretor de Pesquisas da Soma — Opinião e Mercado.